

**Professor pedagogo
ou professor e pedagogo?***Alessandra Raimundo Capusso**Eliane Tassi dos Santos*

Professoras da rede municipal de Vinhedo

Libâneo, J. C. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

A todos aqueles que têm algum envolvimento verdadeiramente honesto com a educação, a leitura do livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* é de grande relevância, pois o autor se coloca de maneira clara e objetiva, discorrendo sobre temas e questões que nos acompanham e nos incomodam. E aqueles que não se vêem incomodados, não acreditamos seja simplesmente porque não se interessam, mas porque não têm consciência da seriedade da problemática levantada. Fato que faz a leitura deste livro se tornar ainda mais relevante.

Como o próprio título do livro sugere, estamos diante de dúvidas e dilemas envolvendo a especificidade e função da Pedagogia e dos profissionais desta área: os pedagogos. Sendo assim, primeiramente, é necessário nos situarmos e partirmos da única certeza que temos até o momento: pedagogos são os profissionais formados em nível superior nos cursos de Pedagogia. Porém, infelizmente, o que é a Pedagogia, qual sua finalidade e especificidade, não é consenso e não está claro nem mesmo aos próprios pedagogos.

De acordo com o que o livro coloca muito bem, e podemos constatar, por exemplo, observando a própria realidade que cerca as universidades e ambientes escolares, a maioria dos profissionais que se formam em Pedagogia têm a visão disseminada no senso comum: Pedagogia é apenas a formação inicial, em nível superior, para docentes da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Quando muito, também para especialistas da Educação: Orientadores Pedagógicos, Coordenadores Pedagógicos, Vice-Diretores de Unidades Escolares, Diretores de Escolas, Supervisores de Ensino e outros.

Para o senso comum, não se fala, não se pensa e não se cogita a formação de pedagogos voltados para a área teórica da Educação, para pesquisas; para o pensar a educação. No entanto, que esta seja a visão do senso comum e de leigos é compreensível – não aceitável, mas compreensível – mas é, no mínimo, preocupante constatar que essa idéia vem sendo disseminada com tamanha facilidade e competência também no contexto da própria área educacional.

Essa preocupação aumenta paulatinamente, mas muito intensamente, quanto mais refletimos e analisamos a situação. Pois, quando olhamos para essa situação e buscamos explicações para além dos “achismos”, encontramos indícios de que “nada é por acaso”, e conforme nos aprofundamos, embasados em pesquisas e bibliografias desenvolvidas sob critérios sérios e científicos, vamos construindo uma rede de conhecimento que, ao mesmo tempo que nos liberta da escuridão da ignorância, nos assusta, tamanha é a astúcia e competência do sistema neoliberal que nos envolve.

É preciso, então, começarmos a desconfiar das situações postas, das explicações dadas e da ordem pré-estabelecida, para então começarmos a desvendar as “armadilhas” e “armas” com que o sistema neoliberal, citado acima, tenta nos enredar.

Pedagogia, ciência da educação para a educação

No decorrer do livro o autor se coloca de maneira a defender que a Pedagogia tem um campo de estudos com identidade e problemática próprias. Ela estuda os atos da educação e para isso busca também conhecimentos em outras áreas. Pois, embora seja uma ciência no conjunto das Ciências da Educação, afasta-se das demais para garantir a unidade e sentido das contribuições destas ao fenômeno educativo, dando assim um enfoque globalizante a esse fenômeno, ao mesmo tempo que unitário.

Portanto, a Pedagogia é uma ciência da ação, como a Ética e a Política, mas não uma ciência prática como a Medicina e o Direito, conforme expôs Schimied-Kowarzik (1983). É a área do conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular e que para isso busca conheci-

mentos, por exemplo, na Psicologia da Educação, na Sociologia da Educação e na Filosofia da Educação – sendo que estas contribuições à Pedagogia é a única razão de existência destas ciências, uma vez que o olhar que elas têm sobre a Educação é compartimentado e não pode dar conta de explicar a problemática que a envolve e todas as suas vicissitudes, ou seja, esta é a especificidade da Pedagogia.

Porém, conforme o próprio autor coloca e podemos presenciar cotidianamente, não há um consenso sobre estas questões, pois o senso comum e muitos pedagogos veem a Pedagogia apenas como o modo de ensinar e as técnicas de ensinar, ou seja, o metodológico, e procedimental.

Mas essa situação de dualidade, de falta de consenso, não é inata à sociedade, a-histórica. Ela vem acompanhando toda a trajetória do desenvolvimento da Educação, no Brasil inclusive, conforme o autor explicita no capítulo IV, onde faz um “esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional”.

Parece-nos que essa dualidade é na verdade sintoma do substancial conflito de interesses e ideologias pelo qual as sociedades modernas e contemporâneas vêm passando. Conflito esse que tem a educação e as escolas como “aparelhos ideológicos do Estado”, conforme já exposto, por exemplo, por Saviani (1997) em *Escola e Democracia* quando expõe a “teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado”, e por Faria (2005) em *Ideologia do livro Didático*.

É preciso sempre ter clareza de que falamos de escolas e educação localizadas e fazendo parte de uma sociedade neoliberal-capitalista, com suas ideologias e seus ideais estruturados sobre os princípios liberais.

E quem também vem contribuir para que se compreenda esse contexto, de maneira bastante relevante, é Torres (1996) quando fala das estratégias do Banco Mundial para “melhorar” a qualidade da Educação Básica.

Além das dualidades quanto à especificidade da Pedagogia, a educação enfrenta outras tantas, tais como as que se referem à pedagogização generalizada em que encontra a sociedade, conforme cita o autor, principalmente no capítulo V, quando fala da “sociedade pedagógica”, das “vicissitudes e impasses atuais da Pedagogia” e das “crises da Pedagogia”. Pois, a

todo momento, somos bombardeados com programas e materiais das mais diversas mídias enfocando os mais diversos assuntos e vendendo a promessa de apoio pedagógico para a educação de nossas crianças e educandos, ao mesmo tempo em que presenciamos um explícito e abundante interesse e preocupação da mídia, dos meios de comunicação e de profissionais das mais diversas áreas em falar sobre a educação escolar, colocando em xeque sua qualidade, competência e sua eficiência. Muitas vezes, inclusive, usando tom de sarcasmo e ironia, como vimos na edição de 22/05/2009 do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, com a matéria sobre as decisões tomadas no município de Mirassol/SP em relação às excessivas faltas às escolas dos alunos da rede pública municipal, e nas repetidas matérias da Revista *Veja*, como as da edição 2047, de 13/02/2008: a entrevista da ex-secretária da Educação do Estado de São Paulo, a Profa. Dra. Maria Helena Guimarães de Castro (“Premiar o Mérito”), e artigos dos economistas Cláudio de Moura Castro e Gustavo Ioschpe, falando sobre “Salário de Professor” e “Pelo direito à ruindade”, respectivamente.

Ironicamente, quanto mais se fala na qualidade da educação, menos a vemos, assim como, quanto mais pedagógica a sociedade, menos valor se dá à Pedagogia como ciência.

A prática pedagógica está disseminada na sociedade, o que não poderia ser diferente, uma vez que a Pedagogia pensa *a, para e sobre* a Educação e esta, por sua vez, não se restringe apenas à prática docente e escolar, mas permeia todo o desenvolvimento social e humano, ou seja, conforme diz o autor e outros (alguns, inclusive, citados por ele), até mesmo nas práticas informais, não-intencionais, não-institucionalizadas, há Educação, há formação humana, formação de caráter, identidade e valores.

Se existe uma Educação, existe uma pedagogia para ela, como por exemplo: a educação familiar, a educação religiosa, a educação escolar, a educação dos movimentos sociais... E enquanto a sociedade precisar de Educação, será necessária uma pedagogia. Porém, nos atemos, com especial interesse e preocupação, à Educação explicitamente intencional, a qual exige uma Pedagogia embasada na cientificidade, não negando a influência e interferência das ditas não-intencionais e não-institucionalizadas, pois, “com

efeito, a educação informal perpassa as modalidades de educação formal e não-formal”. (Libâneo, 2008 p. 91)

Nos atemos à educação intencional e julgamos urgente a conscientização de pedagogos e professores da necessidade de resgatarmos os créditos, valores e importância da Pedagogia; julgamos imprescindível que estes profissionais façam coro a “outra reforma” citada por Vera Maria Candau e reajam contra os acenos do triste “adeus à escola pública”, conforme assinalou Gentili (1995); que reajam contra os índices alarmantes da qualidade do ensino e da educação; reajam contra a alienação que nos atrela a uma situação de desprofissionalização, de descaso e desvalorização por parte das sociedades e de seus governos; reajam contra a “má propaganda” que insistem em fazer de seu trabalho, de sua competência, de seus valores e de seus ideais.

Mas, para isso é preciso que, primeiramente, tenham consciência do imenso valor das contribuições da Pedagogia e do pedagogo *stricto sensu*, conforme defende José Carlos Libâneo.

Do senso comum a uma visão crítico-científica

Agora que já se pode visualizar a idéia de que a Pedagogia é a Ciência da Educação para a Educação, a qual que estuda, investiga e busca entender o fenômeno da Educação de maneira globalizante e particular, nada mais óbvio que visualizar o pedagogo como o profissional que vem atuar nas várias instâncias da prática educativa ligadas, direta ou indiretamente, à organização e processos da Educação, assim como aos modos de ação, com vistas aos objetivos da formação humana previamente definidos historicamente e socialmente, ou aquele que, justamente, pensará contra essa pré-definição, uma vez que sua formação técnica e científica deve lhe dar conhecimentos e subsídios para isso.

Esta é a visão que vemos defendida na obra de José Carlos Libâneo (2008) e com a qual concordamos, mas a realidade que cerca e permeia a área educacional está longe de apresentar um consenso sobre a identidade profissional dos pedagogos, assim como sobre a especificidade da Pedago-

gia. Aliás, em relação à pedagogização da sociedade, já citada anteriormente, acreditamos que seja uma das maneiras de desmerecer e desvalorizar a necessidade da Pedagogia e de seus profissionais, visto que uma das intenções é justamente não levar a um raciocínio crítico, ou melhor se “vende” a idéia do “desenvolvimento intelectual”, mas este não está relacionado com criticidade, no máximo com uma pseudocriticidade. O que é muito perigoso, pois, cada vez mais, é exatamente esta a situação que presenciamos. Caro leitor, tome cuidado! Por mais contraditório que possa parecer, “quando todos estão pensando a mesma coisa é porque ninguém está pensando”, como diz o provérbio citado pelo jornalista Walter Lippemann.

E isso nos remete novamente a *Pedagogia e Pedagogos, para quê?*, quando o autor defende a idéia da necessidade de um curso de Pedagogia que forme pedagogos *stricto sensu*, profissionais voltados e habilitados para a investigação teórica e científica, separadamente de um curso de Pedagogia *lato sensu*, que se voltaria a formar os docentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. E, talvez, a criação do curso Normal Superior tenha sido uma resposta a reivindicações como estas. Pois teria sido este o curso destinado à formação de docentes, deixando à Pedagogia a formação de teóricos e pesquisadores? Mas, se assim for, o que pudemos presenciar, na verdade, foi o discurso sério, consciente e científico de um educador comprometido ser tomado pelo sistema e pelo mercado, ressignificado conforme seus interesses e devolvido à sociedade em forma de um curso de formação de professores com qualidade bastante questionável, mas sob a justificativa de que os próprios educadores o pediram.

Quando falamos na má qualidade do Normal Superior, nos referimos principalmente à questão de ser voltado à prática docente, porém separada da teoria científica, isso nos baseando principalmente nos relatos de formandos deste curso, com quem convivemos.

Mas, embora esse curso tenha tido vida curta e já tenha sido extinto, a Educação não teve resolvidos seus problemas e dilemas; ao contrário, encontra-se sem função, rumo e destinos certos. A Pedagogia não deve formar um profissional exclusivamente para a prática docente, mas também não dá conta de formar profissionais voltados para a prática teórica e investigativa.

Vive-se um meio-termo que desqualifica a função e profissão de pedagogos e professores.

Embasadas nas leituras que já citamos e em discussões em sala de aula com o professor Sánchez Gamboa (primeiro semestre de 2009), defendemos a idéia de que por trás das críticas e ofensivas dirigidas à Pedagogia e seus profissionais está um emaranhado de ideologias e ideais do mercado e sistema neoliberal-capitalista que veem a Educação brasileira – e sul-americana como um todo – como um grande e promissor campo a ser explorado. Discussão esta na qual não nos aprofundaremos no momento, mas deixamos aqui nossa sugestão.

Para que não ocorram equívocos e não se tenha a impressão errônea de que o autor defende que seja desnecessária a formação teórica dos professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, é preciso ser dito que esta é sim imprescindível e que justamente essa falta contribui para a desvalorização de que vimos falando. Conforme o autor cita várias vezes, a falta de conscientização dos professores e pedagogos é também um dos motivos do desprestígio destas profissões:

É uma estranha conduta: o profissional denuncia sua própria tarefa, faz uma gozação de si próprio, mina a instituição e denigre seu próprio trabalho. Está aí mais uma contribuição para o enfraquecimento do prestígio da atividade profissional do educador. (Libâneo, 2008 p. 172)

O que se resume em uma falta de “massa crítica” nesta área, e a questão, também conforme cita o autor, é a distância entre a prática e a teoria, pois “os que ‘praticam’ a educação estão distantes da discussão teórica e mais interessados no ‘como fazer’” (ibidem, p. 107).

É preciso que os educadores sejam capazes de enfrentar e recusar as críticas que recebem e questionem o contexto que os cerca. Por exemplo, quando se ouve profissionais da rede municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo falando, euforicamente, sobre a intenção e possibilidade da abertura de concurso público para o cargo de picopedagogos, seria necessário também ouvi-los questionando: pr que picopedagogos e não também

pedagogos? Não seria porque os psicopedagogos se preocupam com as dificuldades de aprendizagem dos educandos (aprendizagem do que já está pré-estabelecido), enquanto que os pedagogos devem se preocupar com a Educação como um todo, inclusive com suas finalidades?

Por fim, chega-se à conclusão de que a Educação precisa de pedagogos e de professores pedagogos, e cada um ciente de sua especificidade e da relevância de sua função, combatendo assim a situação que, já na capa, o livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* denuncia.

Considerações finais

Caro leitor, esperamos que ao fim desta leitura você sinta-se instigado a ler o livro *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* Sobretudo, o principal objetivo que desejamos ter atingido é termos despertado, se não sua consciência, ao menos sua curiosidade sobre o que é e para o que serve a Pedagogia.

Porém, desejamos que você venha a fazer essa leitura não apenas para que saiba mais sobre sua possível profissão, mas porque este conhecimento lhe trará novas possibilidades. Pois o conhecimento se transforma em empecilho, talvez pequeno mas um empecilho, para a livre manipulação que o sistema neoliberal-capitalista visa exercer sobre nós. É apenas a partir do conhecimento que nos tornamos menos alienados, menos influenciáveis e controlados por este sistema que se articula de maneira incrivelmente astuta e audaz para nos manipular e inculcar em nós sua ideologia e valores.

Se você é um profissional formado em Pedagogia, e se via obrigado a exercer a docência, esperamos que após estas leituras tenha entendido que não deve se sentir culpado se, depois de ter se formado, tenha percebido que não é isso que realmente quer, porque, ao contrário do que querem que acreditemos, “todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente” (Libâneo, 2008, p. 39) – já que o trabalho docente é a forma peculiar do trabalho pedagógico em sala de aula, mas, para o trabalho pedagógico, há um amplo leque de práticas educativas *sobre e para* a Educação além da sala de aula.

E mais que isso, a Educação está carente de bons pedagogos, de profissionais que cumpram com a especificidade do pedagógico: investigar e pensar a Educação e para a Educação, com base, inclusive, nas contribuições de outras ciências, tais como: Psicologia, Filosofia, Sociologia, História, Antropologia...

Referências

- FARIA, Ana Lucia G. de. *Ideologia no livro didático*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 37).
- FREITAS, Helena Costa Lopes. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embates entre projetos de formação. In: *Educação e Sociedade*. Campinas/SP, v. 23, nº 80, setembro/2002, p.137-168.
- _____. Certificação docente e formação do educador: regulação e desprofissionalização. In: *Cadernos Cedes*, vol. 24, n. 85, janeiro/2004. Disponível em: www.cedes.unicamp.br> acesso em 10 junho de 2006.
- GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da exclusão - crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1995.
- SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. *Formação de professores na cultura do desempenho*. In: *Caderno Cedes. Globalização e Educação: Precarização do Trabalho Docente - II*, vol. 26, n. 89, novembro/24. Disponível em www.cedes.unicamp.br> acesso em 10 junho de 2006.
- SAVIANI, Dermeval, *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara e onze teses sobre Educação e Política*. 31 ed. Campinas/SP: Ed. Autores Associados, 1997. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 5).
- SCHIMIED-KOWARSKY, W. *Pedagogia Dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TORRES, Rosa Maria. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: HADAD, Sérgio; WARDE, Miriam Jorge; TOMMASI, Livia de (orgs.). *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais*, São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. 125-186.
- VASCONCELLOS, C. S. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. 10 ed. São Paulo: Libertad, 2005.